

A FUNÇÃO É A COMUNICAÇÃO

JORGE BASSANI

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

A FUNÇÃO É A COMUNICAÇÃO
JORGE BASSANI
Tese de doutoramento

Orientadora: Profa. Dra. Élide Monzeglio

Dedico este trabalho a todos os professores que acompanharam minha vida acadêmica, especialmente Maurício Nogueira Lima e Élide Monzeglio, são eles, todos, os que possibilitaram a realização desse trabalho. Também aos professores que, hoje, são meus colegas e tornam mais densa e qualificada minha atividade docente, da mesma forma, aos meus alunos, atuais e passados. E, finalmente, aos que estão sempre em primeiro lugar na minha *cabeça-coração*, meus filhos.

Agradecimentos:

O agradecimento à minha orientadora é muito mais do que uma formalidade, a profa. Elide Monzeglio tem acompanhado minhas atividades na pós-graduação por mais de 10 anos, nesse tempo todo esteve presente e atenta a todos os meus passos.

Muitas pessoas colaboraram para a conclusão desse trabalho, alguns indiretamente. Impossível, nesse momento eu lembrar de todos, mesmo assim, o meu muito obrigado a todos.

Dos que estiveram diretamente ligados a execução dessa tese, alguns foram decisivos: Raquel Lima (pesquisas históricas e bibliográficas e editoração de toda a tese), Marcelo Galli, Plínio Paganini e Igor Cortinove (desenhos e tratamentos visuais), Pedro Sales e Celso Franco (frutíferas conversas) Fabíola Marialva e Gabriela Conti (pesquisas bibliográficas), Alexandre Foltran (montagem gráfica do crescimento de SP), Vânia Lopes (revisão da Parte III) e muitas outras.

Agradeço também a imensa contribuição dos profs. drs. Bruno Padovano e Maurício Friedman na banca de qualificação desta tese.

Sumário

Esta tese de doutorado trata-se de um estudo sobre cidade de São Paulo visando definir e fundamentar procedimentos para projetos de intervenção em sua realidade material. Considerando a formação histórica da morfologia paulistana, bem como, o estudo das culturas processadas nesse ambiente, examina-se as relações do Centro histórico com os bairros operários da Zona Leste, em termos materiais e culturais. A análise do *locus* urbano objetiva propor mecanismos de reintegração dos vínculos mutilados pelo urbanismo operacional. Essas questões são desenvolvidas tendo como pano de fundo as teorias recentes sobre a cidade. O cenário das grandes transformações urbanas no final do século XX oferece as materializações dessas teorias, casos passíveis de análises e avaliações. Diante das novas visões de cidade do mundo contemporâneo confronta-se a materialidade da metrópole SP.

Abstract

This doctorate thesis is about a study of the city of São Paulo aiming to define and to found procedures for projects of intervention in its material reality. Considering the historical formation of the morphology "paulistana" (*pertaining to the City of São Paulo*), as well as the study of the cultures carried on that environment, it examines the relations of the historical Center with the East Side industrial area, in terms of material and cultural. The analysis of the locus urban objective propose mechanisms of reintegration of the bonds mutilated by the operational town planning. These questions are developed having as a background the recent theories of the city. The scenario of the big urban transformations in the end of the XX century offers the materialization of these theories, cases subject to analyses and evaluations. Facing the new visions of city of the contemporary world it confronts the materiality of the metropolis of São Paulo.

ÍNDICE

Introdução	06
Parte I: SP – OBJETO	10
Cap. 1: O que é uma cidade	11
Cap. 2: SP é uma cidade?	17
Cap. 3: Uma qualificação para SP.	32
Cap. 4: SP – histórico morfológico.	38
Parte II: SP – CULTURA	51
Cap. 1: Colônia XVI – XVIII: entreposto.	55
Cap. 2: XIX: centro acadêmico.	60
Cap. 3: Anos 20:Modernismo.	71
Cap. 4: Anos 50: As Vanguardas	83
Cap. 5: Anos 70: A nova realidade urbana	97
Parte III: A CIDADE DO SÉCULO XXI	117
Cap. 1: A cidade pós-industrial	118
Cap. 2: Conceitos de projeto urbano	130
Cap. 3: O contra-método	140
Cap. 4: Materialização	157
Parte IV: SP: A “FRATURA”	224
G-01 / Luz	259
G-02 / Pari	264
G-03 / PDP	269
G-04 / Glicério	275
Créditos dos projetos dos “grampos”	279
Créditos de imagens	279
Bibliografia	284

INTRODUÇÃO

Essa tese de doutoramento se concentra nas discussões em torno do projeto urbano contemporâneo, em termos gerais, e os rebatimentos das novas posturas urbanísticas para a complexa realidade da cidade de São Paulo, da urbe SP. Portanto, o nosso principal objeto de estudo é a condição morfológica e cultural de São Paulo. Um outro objeto de questionamento são os procedimentos contemporâneos de *projeção* da cidade para o século XXI. Esse segundo objeto de estudo funciona como base exploratória para as discussões sobre o projeto para SP.

Para podermos conduzir essas questões, o trabalho foi construído em três etapas:

1. O estudo do desenvolvimento morfológico e cultural de SP, como resultado histórico e sua estruturação hoje.
2. A avaliação crítica das linhas teóricas e práticas do desenho urbano contemporâneo em algumas das mais emblemáticas intervenções ocorridas no final do século XX, com a intenção de adaptar as cidades às novas condições pós-industriais e globalizadas.
3. Propostas de intervenções para a cidade de São Paulo. Essas intervenções concentram-se na faixa urbana, em forma de meia lua, configurada pela ferrovia e pela várzea do Rio Tamanduateí que divide as duas cidades de São Paulo, a das elites econômicas e políticas e a das atividades industriais e da classe operária, esta localizada a Norte e Leste do centro histórico. A proposição fundamental dessas intervenções é exatamente o trato da **fratura** resultante do crescimento da cidade, bem como das opções técnicas e ideológicas das elites paulistanas. Os **grampos**, sobre esse tecido fragmentado, são propostos a partir de análises do desenvolvimento histórico e das situações morfológicas e paisagísticas atuais.

Os projetos para os **grampos** consti-

tuem-se em formulação de hipóteses para a cidade, nunca como situações projetuais, técnica e politicamente condicionadas. Ou seja, não é possível considerá-las como projetos de renovação urbana praticáveis ou executáveis. Eles se posicionam tal qual uma conclusão teórica aos nossos estudos. Os projetos para os grampos foram desenvolvidos a partir dos trabalhos de um grupo formado para essa discussão, a fratura leste de SP.

As áreas da cidade onde propomos as intervenções são: Baixada do Glicério, Gasômetro no Pque Dom Pedro II, Pátio do Pari e Pça Cel Fernando Prestes, na Luz. Todas as intervenções estão inscritas no caráter de grampos conceituais sobre ruptura do texto urbano. O que estamos propondo é a legibilidade do objeto urbano, sua cognição, portanto, nos objetos projetados, **a função é a comunicação**.

As hipóteses:

Uma virtual hipótese se apresenta, a necessidade de entendimento do *locus* urbano para embasar as ações projetuais. Porém, esta é bastante trivial nas posições atuais, principalmente as decorrentes do trabalho de Aldo Rossi, *A arquitetura da cidade*. Tal posicionamento é mais um dos pontos de partida, do que uma hipótese propriamente dita.

Não estamos trabalhando no sentido de uma hipótese única, ou central, que determina o encaminhamento da pesquisa. Estamos, de fato, propondo um encaminhamento em várias micro-hipóteses, como elos de uma corrente.

As mais significativas são:

Em relação à São Paulo:

1. A história da cidade, suas origens como ponte para a ocupação do planalto, de nó operacional e programático, determinou um ambiente no qual as funções pragmáticas determinaram quase que integralmente suas formas, em detrimento de preocupações estéticas e simbólicas.

2. A partir da tese de Luís Saia sobre a São Paulo *antipelágica*, entendemos que a sociedade e cidade paulistana assumem um caráter de isolamento e autonomia cultural e morfológica, conduzindo a um sistema urbano que tem como interlocutor, sempre, as situações cosmopolitas e transitórias.

3. A ruptura entre a cidade qualificada e a cidade da classe operária, na direção leste-norte, é definida pelos primeiros projetos para a cidade moderna, no início do século XX. Essa fratura não é ocasionada unicamente pelos fatos físicos construídos (ferrovia) e natural (o rio), mas principalmente, por um posicionamento ideológico e tecnocrata exclusivista, como vimos de forma definitiva com Flávio Villaça.

4. O projeto social elitista, levado a cabo pela sociedade paulistana, de isolamento de áreas altamente populosas desprovidas de investimentos e equipamentos urbanos, gerou os maiores dramas morfológicos, paisagísticos e infra-estruturais da cidade contemporânea, colocando SP, hoje, nos primeiros postos do *ranking* dos complexos urbanos sem possibilidades de soluções civilizatórias.

Em relação à cidade contemporânea:

1. Os desgastes dos métodos modernistas, advindos do funcionalismo, de projeção da cidade, sua crítica e revisão, ao invés de nos oferecer novos posicionamentos abriram um enorme vácuo ocupado por experimentos os mais variados, dos mais ingênuos e inseqüentes aos mais empenhados em reverter o grau de profunda decadência urbana ao final do século XX.

2. Essas experiências, pelo fato de partirem da negação dos procedimentos modernos, concentraram-se mais nessa negação do que em uma nova afirmação. Em outras palavras, as intervenções contemporâneas apóiam-se antes de tudo em um *contra-método*. Sabe-se

o que não se deve mais fazer sem, contudo, deixar claro quais os novos métodos de projeto urbano.

3. Os resultados alcançados pelas materializações das posturas contemporâneas não confirmam ainda uma nova cidade, nem tampouco as soluções para as grandes contradições urbanas. Algumas delas configuram novos cenários (como o Barroco já o fizera na Europa do XVII), eliminam os dramas sociais empurrando-os para áreas menos expostas. Aos programas contemporâneos cabe gerar novos centros econômicos para viabilização do urbano, deixando as atividades industriais e seus resíduos materiais e sociais para sociedades sem condições de escolha.

Em relação ao projeto para São Paulo:

1. São Paulo tem sua formatividade metropolitana envolta pelos paradigmas da modernidade em seus estágios mais radicais. A cidade que, de vila virou metrópole instantaneamente, segue unicamente a lógica da reprodução industrial capitalista. Esse processo gerou uma forma urbana confusa, caótica e fragmentária. Agora, não se trata de recuperar uma unidade impossível, mas, sim, de atribuir aos cancos abandonados, pelo projeto social, o mínimo de legibilidade no contexto urbano.

2. As intervenções propostas operam no sentido de reafirmar os bairros operários como gene da cidade industrial e sua importância na configuração cultural da cidade.

3. As operações lingüísticas na cidade, com a proposta de reafirmar espaços descaracterizados como *lugares*, no nosso caso, vínculos entre as duas cidades, não podem operar unicamente no sentido de explicitar funções, tão importantes são seus caracteres formais e simbólicos. A cognição urbana faz parte de um texto, de um contexto íntegro, não apenas de operações pragmáticas.

Hipóteses complementares, estas de caráter mais amplo, em relação à nossa época e sua cultura, são continuidades das especulações lançadas em nossa pesquisa de mestrado, *As linguagens artísticas e a cidade*:

1. A cultura do final de século, já denominada como *pós-moderna*, sob vários aspectos configura-se como mera conseqüência do Mundo Moderno, do *admirável mundo novo*. Os procedimentos artísticos na *pós-industrialidade* não superam as experiências lançadas pelas vanguardas históricas.

2. As idealizações da cidade contemporânea constituem-se na única “utopia” que sobreviveu aos declínios ético e ideológico da modernidade. Na contemporaneidade, o utópico desloca-se para o material, o objetual, única instância que o homem se mostrou, de fato, com poder para moldar e transformar.

3- Os procedimentos de projeto urbano, conduzidos pela teoria da pós-industrialidade, apresentam novas retóricas a partir de discursos técnicos (e formais, também) advindos da Arquitetura Moderna.

Os métodos:

A configuração final do trabalho impôs três linhas metodológicas capazes de abarcar todo o leque de questões que estamos propondo, nos seguintes termos:

1. Histórica: Os estudos sobre a história da cidade foram definidos a partir de uma limitação viável, portanto concentramo-nos na literatura mais específica da história da forma urbana, principalmente as que contam com relatos de viajantes nos primeiros séculos, época em que a cidade não dispõe de registros gráficos (plantas) para demonstrar sua morfologia e seus limites. A literatura relativa à história política e social não foi abandonada, porém, funciona para nosso enquadramento, mais de maneira adjacente a alguns entendimentos.

Diferente foi o levantamento iconográfico sobre a cidade, tanto de paisagens em gravuras e fotos de época, quanto, e principalmente, dos registros em plantas da cidade, nos fixamos em levantar um material

capaz de estabelecer, com alguma segurança, o entendimento do desenvolvimento morfológico da cidade.

Quanto à história da cultura, pesquisamos a literatura a cerca da história da arte na cidade e no país, cruzando com os fatos urbanísticos marcantes.

2. Leitura e interpretação dos fatos urbanos: As estruturas urbanas, tanto de nossos *locus* de intervenções (São Paulo), quanto das intervenções internacionais, foram estudadas em três escalas: a da cidade, do território, do observador-usuário. As pesquisas em plantas e fotos aéreas da cidade ofereceram as informações das macro-relações metropolitanas. As relações da intervenção com o território, em limites culturais ou morfológicos, são estudadas a partir da sobreposição dos projetos aos contextos ambientais urbanos. A escala do usuário é dada por levantamentos fotográficos (em campo) das áreas de estudo em São Paulo e dos projetos internacionais elencados para as análises.

As formas de apreensão utilizadas para os levantamentos fotográficos seguem no sentido de identificar situações específicas como, os percursos, os pontos focais, as relações tipológicas e as conexões físicas com os centros urbanos. Dessa maneira mantivemos critérios mais claros das interpretações quanto às cognições dos ambientes urbanos.

No caso dos ambientes de São Paulo, as morfologias e paisagens foram estudadas objetivando a compreensão de possíveis vínculos perdidos, internos ou em relação à cidade no todo. Quer dizer, os métodos de apreensão cognitiva da forma urbana foram métodos especulativos e não somente acumulação de dados. Portanto, as leituras dos pontos específicos das intervenções são tratadas como busca de novas possibilidades urbanas, além de demonstrar as fragmentações e degradações urbanas paulistanas.

3. Projetuais: Os métodos de projeto seguidos nos exercícios apresentados nessa tese partem primeiro de uma postura estrutural em relação ao *locus* e à cidade, segundo das questões programáticas.

No primeiro caso, todo o estudo desen-

volvido no trabalho de interpretação morfológica, paisagística e cultural da estrutura urbana, determina profundamente todas as condições sintáticas e semânticas das intervenções propostas.

No segundo, as bases programáticas das intervenções apóiam-se em recompor vínculos de várias naturezas, físicos, simbólicos, históricos. Portanto, a materialidade projetada será sempre de funcionalidade difusa, não específica, não nos interessa a operacionalidade dos ambientes propostos e, sim, suas possibilidades de condensadores urbanos.

Para ambos os casos, utilizamos os estudos críticos das intervenções internacionais, do final do século XX, para balizarmos as situações com as quais nos deparamos. Esses estudos forneceram bases analíticas, nunca modelos de intervenção.

O trabalho está dividido em três partes:

Parte I: **SP – OBJETO**

Reflexões sobre uma conceituação para o objeto urbano São Paulo, sobre como podemos situar as especificidade e complexidade de São Paulo, em confronto com as clássicas definições de cidade e metrópole, ou mesmo com as teorias sobre processos contemporâneos de *desurbanização*,

Considerações a respeito da forma que a cidade apresenta hoje, em função de seu desenvolvimento histórico, e as principais fraturas que o crescimento sem controle, ou mal controlado, gerou. Nesse momento identificaremos e especificaremos as áreas previstas para os projetos de intervenção, localizadas na faixa que segrega física e culturalmente as regiões leste e norte contíguas ao centro original.

Parte II: **SP - CULTURA**

Breve histórico ilustrado da cultura desenvolvida na cidade de São Paulo, cada

capítulo foca um período histórico da cidade, no contexto nacional e internacional. A história cultural é conduzida a partir da observação da produção artística, arquitetônica e forma urbana em cada período, de vila provinciana e inexpressiva a maior núcleo urbano da América do Sul e principal motor cultural do país no século XX.

Parte III: **A CIDADE DO SÉCULO XXI**

Nessa parte introduzimos as questões relativas à cidade que está sendo projetada na passagem do século XX para o XXI, quais as conceituações e discussões sobre a cidade na anunciada nova era.

Aqui nos propomos traçar considerações a respeito dos métodos de projeto que estão sendo propostos, no mundo todo, com o objetivo de materializar essas novas imagens de cidade. Nesse capítulo apresentaremos, como estudo, 8 casos de intervenções realizadas nos últimos 20 anos em diversas cidades.

Parte IV: **SP: A “FRATURA”**.

Optamos por uma conclusão, que além de síntese dos embates teóricos apresentados, apontasse para sínteses materiais, proposições projetuais refletindo o estudo das nossas condições urbanas.

Assim, nessa parte apresentamos o conteúdo das pesquisas iconografias e leituras dos ambientes na ruptura entre o centro urbano e os bairros a leste e norte, onde propomos intervenções. Nossas bases programáticas e opções para articulações partem da identificação da estrutura urbana e dos aspectos ambientais físicos, fornecendo os partidos para o desenvolvimento das intervenções propostas:

Pró-gestos para SP - os “grampos”.